



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

COMPOSTOS [NN]N NO *VOCABULARIO PORTUGUEZ, E LATINO...* DE BLUTEAU (SÉC. XVIII)



[NN]N COMPOUNDS IN THE BLUTEAU'S *VOCABULARIO PORTUGUEZ, E LATINO* (18TH CENTURY)

Victória TRIEBIG
Antonia Vieira dos SANTOS

Universidade Federal da Bahia, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 30/06/2020 • APROVADO EM 30/09/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2586>

Resumo

Pretende-se, neste artigo, descrever e analisar os compostos de estrutura [NN]_N presentes no *Vocabulário Português, e Latino...* (1712-1728), de Rafael Bluteau, a partir da concepção de composição apresentada por Ribeiro e Rio-Torto (2016), com vistas a uma melhor compreensão da presença desse esquema compositivo na língua portuguesa.

Abstract

In this paper we propose to describe and analyse [NN]_N compounds in the *Vocabulário Português, e Latino...* (1712-1728), by Rafael Bluteau, adopting the concept of compounding presented by Ribeiro and Rio-Torto (2016), in order to improve the understanding of the presence of this composition scheme in the Portuguese language.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Formação de palavras em português. Composição. Compostos [NN]_N. *Vocabulário* de Bluteau. História da Língua Portuguesa.

KEYWORDS: Word-formation in portuguese. Compounding. [NN]_N Compounds. Bluteau's *Vocabulary*. Language history.

Texto integral

O objetivo deste artigo é descrever e analisar os compostos nominais [NN]_N (Nome + Nome) registrados no *Vocabulário Português, e Latino...* (1712-1728), de Rafael Bluteau, obra disponível no site da Biblioteca Nacional de Portugal (<http://www.bnportugal.gov.pt/>)¹.

A composição é um processo de formação de palavras produtivo na língua portuguesa, envolvendo “uma relação de concatenação [...] entre pelo menos duas unidades lexicais – radicais, temas ou palavras –, cada uma das quais marcada categorialmente como Nome, Adjetivo, Verbo, Advérbio, Preposição, Numeral ou Conjunção” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 461).

Uma das principais características de uma palavra composta é a sua opacidade interna (lexical e sintática), visto que não são possíveis alterações ou inserções no interior da sua estrutura. Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 464) ilustram essa propriedade com os seguintes exemplos:

- (1a) Eles restauraram um lindo [engenho de açúcar].
- (1b) Eles restauraram um lindo engenho *antigo de açúcar.
- (2a) Perante tamanha catástrofe, qualquer um perde o [sangue-frio].
- (2b) Perante tamanha catástrofe, qualquer um perde o *sangue gelado.

Essas propriedades têm grande importância principalmente na distinção entre uma palavra composta e um sintagma livre.

Morfologicamente, é possível analisar o composto quanto à existência, ou não, de um núcleo. O núcleo é responsável por atribuir propriedades categoriais (determinação da categoria gramatical), morfológicas (determinação do gênero e

do número) e semânticas (responsável por atuar como um hiperônimo) ao composto (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 500). No entanto, nem sempre todas essas dimensões do núcleo estão presentes ao mesmo tempo em um composto. Em *carro de corrida*, *carro* corresponde ao núcleo categorial (*carro de corrida* é substantivo, como *carro*), ao núcleo morfológico (*carro de corrida* é do gênero masculino, como *carro*), e ao núcleo semântico (*carro de corrida* é *carro*). No entanto, em *viúva-negra* 'espécie de aranha', têm-se núcleo categorial e morfológico, mas não semântico (*viúva-negra* não é *viúva*). Tradicionalmente, quando há a existência de núcleo semântico, o composto é classificado como endocêntrico; quando não há núcleo, o composto é chamado de exocêntrico. Contudo, considerando-se todas as facetas próprias do núcleo, a propriedade de endocentrismo e exocentrismo dos compostos pode ser melhor organizada em termos de uma escala ou um *continuum*. Quanto à posição do núcleo, ele se situa, de regra, à esquerda ([carro] de corrida, [peixe]-espada, [carro]-forte), contudo, pode também corresponder ao constituinte da direita (baixo-[relevo]) ou mesmo aos dois constituintes ([ator]-[diretor], [morto]-[vivo]), caracterizando uma situação de binuclearidade (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 503).

Os elementos lexicais que formam o composto estabelecem relações sintáticas entre si. Essa característica, segundo Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 489), permite distinguir três grupos de estruturas: compostos coordenados, compostos subordinados e compostos modificativos. Com base nas referidas autoras (p. 489 *et seq.*), vamos descrever, de forma breve, essas classes de compostos.

Os compostos coordenados envolvem constituintes pertencentes a uma mesma categoria gramatical, que estabelecem entre si uma espécie de relação de adição: *bar-restaurante*, *cantor-compositor*, (acordo) *luso-português*, *vaivém*.

Na subordinação, há uma relação de hierarquia entre os elementos que formam os compostos. Em outras palavras, um dos elementos que formam a palavra composta é um verbo ou um nome deverbal e, portanto, possui a capacidade de seleção argumental, enquanto o outro elemento preenche o lugar vazio aberto pelo primeiro. Encontra-se esse tipo de relação principalmente no padrão compositivo [VN]_N (*limpa-vidros*).

Os compostos modificativos possuem uma estrutura em que um dos elementos constituintes, em geral posicionado à direita, atua como modificador do outro, restringindo, por uma operação de classificação ou qualificação, o escopo do referente por ele denotado. Em termos de padrões compositivos, integram esse tipo de composto as estruturas [NN]_N (*bolsa-sanduíche*), [NA]_N (*sangue-frio*), [AN]_N (*alto-relevo*) se [NumN]_N (*terceira idade*).

A ênfase, neste artigo, recai sobre o padrão compositivo [NN]_N, em parte pela sua aparente produtividade no português moderno² (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 473), contrastando com os escassos dados no português arcaico, incluindo a sua fase denominada galego-portuguesa (SANTOS, 2009), e por outra, por ser um padrão presente em diversas línguas naturais.

O estudo do padrão [NN]_N em uma obra lexicográfica do século XVIII apoia-se na relevância desse tipo de material para o conhecimento da língua portuguesa, em especial do seu léxico e de regras (ou esquemas) envolvidas na sua formação. A

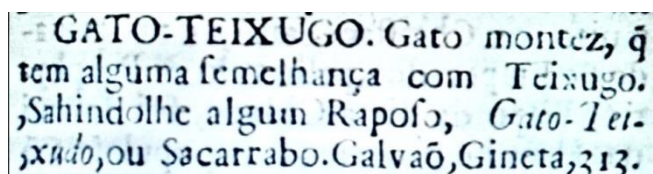
quantidade de dados instanciados por esse esquema pode indicar se o seu uso era significativo, ou não, na sincronia em referência e/ou nos períodos contíguos à data de registro dos compostos, situada entre 1712 e 1728.

O artigo está organizado da seguinte forma: depois desta Introdução, são descritos o *corpus* e a metodologia adotada no trabalho (seção 1) e as principais características do padrão compositivo [NN]_N (seção 2). A seção 3 trata dos compostos [NN]_N no *Vocabulario* de Bluteau, estando subdivida em três subseções: considerações prévias (subseção 3.1), compostos [NN]_N: descrição, classificação e análise (subseção 3.2) e discussão dos resultados (subseção 3.3). Em seguida, são apresentadas as considerações finais. Antecedendo as notas, exibe-se um anexo com a definição dos compostos no *Vocabulario* de Rafael Bluteau, e, em seguida, são elencadas as referências.

1 DESCRIÇÃO DO *CORPUS* E DA METODOLOGIA ADOTADA

Como já foi informado, o *corpus* da pesquisa é o *Vocabulario Portuguez, e Latino...* (1712-1728), de Rafael Bluteau, composto de 8 volumes e 2 suplementos, publicado em Portugal, no século XVIII. Esta obra pretensamente bilíngue³ antecede o *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Antonio de Moraes Silva (1ª edição de 1789), considerado o iniciador da lexicografia moderna monolíngue do português (SILVESTRE, 2008, p. 7). Reúne, além de palavras do vocabulário comum, termos de natureza técnica e científica.

A metodologia consistiu na recolha manual dos compostos no *Vocabulario*. Estabeleceu-se, como critério de recolha, buscar os compostos apenas entre as formas lematizadas⁴. Essas formas constituem a entrada do verbete e vêm, graficamente, em caixa alta, como no exemplo a seguir:



Em alguns poucos casos, a entrada existe, mas a descrição do composto é remetida para outro verbete:

MESTRE-SALA. Vid. Mestre.

Mestre-Sala. Este officio houve na ca-
 ta dos Emperadores Romanos, & pare-
 ce era o *Magister officiorum*, como lhe
 chama o *Direito commum*, porque fer-
 via de dar a ordem das ceremonias, &
 cortezias, que devião guardar os Embai-
 xadores, ou senhores grandes E estrangei-

Após a recolha dos potenciais compostos [NN]_N, procedeu-se à descrição da sua estrutura interna, com a finalidade de verificar se realmente evidenciavam esse padrão compositivo. Nesse processo, foram consultados os seguintes dicionários: *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (2009, versão eletrônica), de Antônio Houaiss e Mauro Salles Villar; Caldas Aulete Digital (dicionário contemporâneo da língua portuguesa na internet); Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa (*on-line*); *Diccionario da maior parte dos termos homónimos, e equívocos da língua portugueza* [...] (1842), de Antonio Maria do Couto; *Novo diccionario crítico e etymologico da lingua portugueza* (1836), de Francisco Solano Constâncio; *Diccionario da lingua portugueza* [...] (1789, 1813 [1922]), de Antonio de Moraes Silva; *Grande diccionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*. (1873), de Fr. Domingos Vieira; *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico* (1980-1991), de Joan Corominas e José A. Pascual; *Dicionário escolar latino-português* (1962), de Ernesto Faria.

2 O PADRÃO COMPOSITIVO [NN]_N: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

O padrão [NN]_N é um dos mais estudados no âmbito da composição de palavras, por estar presente em praticamente todas as línguas do mundo, embora não com a mesma produtividade⁵. Em português, esse padrão figura como um dos mais produtivos, ao lado de [NprepN]_N, [NA]_N e [VN]_N, segundo Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 473).

No estudo desenvolvido por SANTOS (2009) sobre os compostos no português arcaico, o esquema compositivo [NN]_N forneceu poucos dados: *condemprior*, *foucelegon*, *guarda-porteiro*, *ifant-abade*, *igreja parochia*, *Madre-donzela*, *maestre scola*, *meestre sala*, *pedra marmor* e *ponbas seixas*. Ressalte-se que foram utilizados como *corpus* 20 textos situados entre os séculos XIII e XVI. Torna-se, assim, instigante estudar esse padrão em outros períodos pretéritos da língua.

Os compostos [NN]_N se inserem na composição morfossintática, conforme classificação apresentada por Ribeiro e Rio-Torto (2016). Trata-se da combinação de dois nomes, destoando dos padrões sintagmáticos do português. Ao

analisarmos o composto *álcool-gel*, por exemplo, percebemos que há a ausência da preposição "em", responsável por relacionar o nome à esquerda ao seu estado ou constituição (*álcool em gel*). Já em *outono-inverno*, não se manifesta, na superfície, a conjunção aditiva exigida na estrutura sintática subjacente (*outono e inverno*). Inserem-se também neste grupo compostos como *peixe-espada*, em que o segundo nome atribui ao núcleo alguma(s) de suas propriedades ou características.

Em termos das relações sintáticas que se estabelecem entre os elementos constituintes do composto, o padrão [NN]_N produz compostos coordenados (*ator-produtor*, *copa-cozinha*, [relação entre] *médico-paciente*) e compostos modificativos (*bolsa-família*, *palavra-chave*, *sapo-boi*). No primeiro tipo, a relação sintática não é hierarquizada, estando os constituintes conectados por uma conjunção aditiva (*ator e produtor*, *copa e cozinha*, *médico e paciente*). No segundo tipo, o nome à direita (em geral) é responsável por modificar (classificando ou qualificando) a amplitude do núcleo.

No que diz respeito às noções de endocentrismo e exocentrismo, em especial semântico, compostos [NN]_N podem manifestar as duas características: *peixe-espada* (endocêntrico) e *banho-maria* (exocêntrico). Na primeira situação, tem-se o composto como um hipônimo do núcleo, que, no caso, é *peixe*: *peixe-espada* é um tipo de peixe. No segundo caso, o significado do composto não é computado a partir do significado das partes constituintes (*banho-maria* não é um tipo de banho).

Quanto ao padrão flexional desse tipo de estrutura, observa-se que, no caso dos compostos coordenativos, ocorre a dupla flexão de plural: *atores-produtores*, *copas-cozinhas*. No modificativos, a flexão incide, normalmente, no núcleo, porém, dicionários como o de Houaiss e Villar (2009) indicam a possibilidade de ocorrer dupla flexão também nesse tipo de composto: *palavras-chave/palavras-chaves*, *sapos-boi/sapos-bois*).

Finalmente, em relação às classes léxico-conceptuais a que pertence o referente denotado pelo composto, observa-se que os compostos são utilizados principalmente para denominar espécies da fauna e da flora (*erva-gato*, *peixe-gato*), mas também pessoas (*homem-rã*), objetos (*saco-cama*), atividades/eventos (*reunião-almoço*) (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 509), e, no caso do Brasil, há uma certa frequência na utilização desse padrão, notadamente com os substantivos *bolsa* (*bolsa-família*, *bolsa-atleta*, *bolsa-alimentação*), *auxílio* (*auxílio-creche*, *auxílio-reclusão*, *auxílio-funeral*), *seguro* (*seguro-desemprego*, *seguro-bagagem*, *seguro-incêndio*) e *vale* (*vale-transporte*, *vale-livro*, *vale-refeição*) (FARIA, 2011).

3 OS COMPOSTOS [NN]N NO VOCABULÁRIO DE BLUTEAU

3.1. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Quando manejamos dados registrados em dicionários antigos, estamos sujeitos a situações que dificultam o reconhecimento da estrutura morfológica do

composto ou mesmo a identificação da relação sintático-semântica existente entre os constituintes. Além disso, em muitos casos, a grafia do composto nesses dicionários não coincide com a grafia registrada em dicionários contemporâneos, tornando-se um fator que provoca desordem na análise.

Assim, apesar da feição de um $[NN]_N$, as seguintes formas, inicialmente selecionadas, foram por nós descartadas: *orobalão/ourobalão* 'homem nobre de Malaca', termo da Índia, segundo Bluteau, e *rodopello*, cujo estatuto morfológico do primeiro constituinte é incerto: *rodo* corresponde a uma forma alterada do verbo *rodar*? Houaiss e Villar (2009, s.u. rodopelo) atribuem origem controversa para *rodopelo*, enquanto Caldas Aulete (Digital) propõe *roda-* + *pele*. Na Infopédia, no entanto, a informação registrada é que *rodopelo* provém do latim vulgar *RETROPĪLU- 'remoinho no pelo dos animais'. Também levantam alguns problemas de análise *lugar-tenente*, *mão-tente*, *regamargem* e *mortecor*, sobre os quais faremos, a seguir, alguns comentários.

Lugar-tenente e *mão-tente* colocam em evidência duas formas que representam historicamente o participio presente de TENERE 'ter': *tenente* e *tente* (forma popular). *Lugar-tenente* designa 'quem fica no lugar de outrem' (HOUAISS; VILLAR, 2009, s.u. lugar-tenente), e tanto *lugar* quanto *tenente* integram o léxico da língua como substantivos. *Mão-tente*, por sua vez, está registrada em dicionários modernos, com remissão a *mão-tenente*. Seu significado é 'mão firme, segura'. Também integra a locução adverbial *à mão-tente* (ou *à mão-tenente*), correspondendo a 'de muito perto, à pouca distância, à queima-roupa' (HOUAISS; VILLAR, 2009, s.u. mão-tenente). O dicionário Caldas Aulete (Digital) atribui a *tente* a categoria de adjetivo, no entanto não apresenta o seu significado, informando, apenas, que ocorre na referida locução *à mão tente*. Bluteau, ao fazer referência à expressão "Ferir à maõtente", alerta que não pôde ainda "alcançar a genuína significação deste modo de fallar; taõ varios são os sentidos , que se lhe dão [...]".

No caso de *regamargem*⁶, referido por Bluteau também como *regomargem*, reconhece-se o sintagma *rego à margem*, com elisão da vogal átona do primeiro substantivo, o que retira essa forma do âmbito dos compostos $[NN]_N$ e a coloca nos $[NprepN]$. Por outro lado, no caso de *regomargem*, a estrutura corresponde a $[NN]_N$, com elipse da preposição contraída com o artigo. Nos dicionários modernos consultados (Houaiss e Villar, Caldas Aulete e Infopédia), os termos *regamargem* e *regomargem* não estão registrados.

No composto *mortecor*, ocorre, provavelmente, alteração formal do primeiro nome, o que implica o reconhecimento de uma categoria gramatical (substantivo) no lugar de outra (adjetivo). Essa possibilidade tem suporte na sua referência também como *mortacor*. Segundo Houaiss e Villar (2009, s.u. mortecor), *mortecor* corresponde a uma 'série de camadas de tinta de tonalidade clara com que um pintor inicia seu quadro'. No dicionário Aulete Digital, corresponde às 'primeiras cores, de ordinário pouco vivas, que os pintores dão nas suas obras'. O substantivo *morte* provoca uma certa dificuldade na compreensão da sua relação sintática com *cor*: cor [que tende à] morte, ao desaparecimento? Como *mortacor*, deixaríamos de ter uma estrutura $[NN]_N$ para ter uma configuração $[AN]_N$, também formadora de compostos em português. Em ambos os casos, o núcleo do composto está posicionado à direita, posição não canônica, no caso do português. Antonio de

Moraes Silva (1789) registra, como verbetes independentes, *mortacor* ('pintura de gesso, com sombras mui leves, que apenas deixa distinguir o objeto') e *mortecor*, sem definição, mas com o comentário de que *mortacor* está "mais conforme à analogia, que he *cor morta*". Segundo Fr. Domingos Vieira (1873), *mortecor* (adj. e subst.) não corresponde a *mortacor*, tratando-se, antes, de uma corrupção de *multicor*. Como se percebe, há uma dificuldade real na descrição desse composto.

3.2. COMPOSTOS [NN]_N: DESCRIÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE

Antes de passarmos à análise morfológica, sintática e semântica dos compostos, descrevemos algumas particularidades das seguintes unidades lexicais: *balneo maria*, *camelopardal*, *rodofolle*, *ouropimenta*, *gallacrista* e *rodapé*.

Os compostos *balneo maria* e *camelopardal* correspondem, praticamente, a decalques das formas latinas *balneum mariae* e *camelopardalis*, respectivamente. Em *balneo maria*, destaca-se a não autonomia, no português atual, de *balneo* (< BALNEUM > *BANEUM > banho), que é utilizado, no entanto, como constituinte preso (em *balneologia*, *balneoterapia* e *balneografia*, por exemplo). *Camelopardal* era o nome latino e grego para girafa, resultante da aplicação metafórica de características da pantera (as manchas) e do camelo (a cabeça ou o tamanho) a esse animal. No dicionário de Caldas Aulete (Digital) e na Infopédia, a forma registrada é *camelopárdale*.

No caso de *rodofolle*, também registrado como *redefolle* (grafia atual *rede-fole* 'rede em forma de funil') em outros dicionários, *rodo* parece equivaler à *rede*, tendo em vista a descrição apresentada por Bluteau ('He hũa rede pequena, ou panno, que se coze num arcozinho, & se coze o panno pela parte, que esta aberto, posto em hũa vara comprida, se apanha o peyxe, que anda emcima enjoado da coca. [...]'). Além disso, o lexema *rodo*, nos dicionários portugueses contemporâneos, não comporta o significado aportado por *rodofolle*. Dessa maneira, interpretamos a palavra como sendo constituída de dois nomes, *rodo* (= rede) e *fole*, interpretando-a como uma rede (de pescar) em forma de um saco cônico (fole < lat. FOLLIS 'saco ou bola cheia de ar', 'fole para o fogo', bolsa de couro') (FARIA, s.u. FOLLIS, IS). De acordo com Corominas e Pascual (s.u. fuelle), a acepção de 'saco' já está presente em antigos textos leoneses e ainda viva em galego ("*un fol de zucre, Castelao, 239.14*").

Em *ouropimenta* ou *ouripimente* (grafia moderna *ouro-pigmento*), ambos registros de Bluteau, a correspondência é com a forma latina AURIPIGMENTUM, substância mineral que se supunha conter ouro, devido a sua cor e ao seu brilho. Além da forma *ouro-pigmento* (Houaiss e Villar, Aulete Digital, Infopédia), os dicionários também registram *auripigmento* (Aulete Digital e Infopédia) e *ouropimenta* (Aulete Digital)⁷.

No composto *gallacrista*, tem-se, possivelmente, a alteração formal do primeiro nome. *Gallacrista* (ou *gallocrista*) é assim definida em Bluteau: 'Erva assim chamada, porque tẽ muytas folhas semelhantes á crista de gallo'. A única forma registrada em Houaiss e Villar (2009) é *galacrista*, mas com remissão para

*crista-de-galo*⁸. A terminação em -a de *gala* (no lugar de galo) talvez se deva à analogia com a vogal final de *crista*.

Embora alguns autores identifiquem em *roda*, de *rodapé*, uma forma do verbo *rodar*, vamos, neste caso, analisar como um substantivo, considerando as definições apresentadas por Antonio de Moraes Silva (1789) e Antonio Maria do Couto (1842), além da própria descrição feita por Bluteau (1720):

RODAPÊ do leyto. Pedaco de panno, que se põem da parte inferior do leyto, quando as cortinas não chegão até o chão. [...] (BLUTEAU, 1720, s.u. rodapê)

RODAPE, s.m. pano como sanefa, que cobre a roda da cama desde o colchão até abaixo, rente com o chão (SILVA, 1789, s.u. rodape)

ródapé, ornato, que tapa os pés da cama, e em róda della. (COUTO, 1842, s.u. pé).

Passemos, finalmente, para a análise linguística dos compostos. Inicialmente, procedemos à classificação dos compostos, considerando: (i) a (in)existência de núcleo semântico, (ii) a posição do núcleo (semântico e/ou categorial e/ou morfológico), (iii) a relação sintática intracomposto, e (iv) a (in)existência de nexos gramaticais entre os constituintes.

(i) Quanto à (in)existência de núcleo semântico

◆ com núcleo semântico: *beiramar*, *capa-pelle*, *fula fula*, *gato-teixugo*, *mestre-escola*, *mestre-sala*, *ouropimenta*, *perapaõ*, *rodofolle*, *salgema* e *varapau*.

◆ sem núcleo semântico: *balneo maria*, *camelopardal*, *gallacrista*, *sangueduva*, *unhagâta*, *machafemeas* e *rodapé*.

(ii) Quanto à posição do núcleo (semântico e/ou categorial e/ou morfológico)

◆ à direita: *ouropimenta*, *varapau*, *gallacrista*, *sangueduva*, *rodapé*.

◆ à esquerda: *beiramar*, *capa-pelle*, *fula fula*, *gato-teixugo*, *mestre-escola*, *mestre-sala*, *pera paõ*, *rodofolle*, *salgema*.

◆ binuclear: *camelopardal*, *machafemeas*.

(iii) Quanto à relação sintática intracomposto

◆ coordenação: *camelopardal*, *machafemeas*, *rodapé* (roda e pé da cama?)

◆ modificação: *balneo maria*, *beiramar*, *capa-pelle*, *fula fula*, *gallacrista*, *gato-teixugo*, *mestre-escola*, *mestre-sala*, *ouropimenta*, *perapaõ*, *rodofolle*, *salgema*, *sanguechuva*, *unhagâta*, *varapau*.

(iv) Quanto à (in)existência de nexos gramaticais entre os constituintes

◆ com nexos gramaticais: *beiramar* (beira do mar), *capa-pelle* (capa de/ em pele), *mestre-escola* (mestre de escola), *mestre-sala* (mestre de sala), *ouropimenta* (pigmento de ouro), *balneo maria* (balneo de maria), *gallacrista* (crista de galla), *sanguechuva* (chuva de sangue), *unhagâta* (unha de gata), *sal-gema* (sal de gema).

◆ sem nexos gramaticais: *gato-teixugo*, *perapaõ*, *rodofolle*, *varapau*.

3.3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A classificação dos compostos quanto ao núcleo semântico resultou em uma pequena vantagem de formas com núcleo desta natureza. Insta salientar que a existência de um núcleo semântico não implica a total transparência do composto, como se pode observar em *fula fula*, *gato-teixugo*, *perapaõ*, *rodofolle*, *salgema* e *varapau*. Em *fula fula*, descrita por Bluteau como "[e]m frase vulgar, val o mesmo que muyta pressa, & muyto trafego", observa-se, na repetição do substantivo *fula*, um papel intensificador (SANTOS, 2020). Enquanto *rodofolle* é um tipo de rede com formato de saco, *salgema* é um tipo de sal extraído de minas subterrâneas, sendo também chamado de *sal de rocha*. *Gato-teixugo* e *perapaõ*, compostos com núcleo à esquerda, instanciam processos metafóricos: *gato-teixugo* é um gato que se assemelha a um teixugo; *perapaõ* é uma variedade de pera cuja consistência assemelha-se à de um pão. Em *varapau*, o núcleo está posicionado à direita, tratando-se, portanto, de um pau comprido como uma vara. Nos compostos sem núcleo semântico, destacam-se, além de *balneo maria* e *unhagata*, aqueles com núcleo categorial e morfológico à direita ([a] *gallacrista* e [a] *sanguechuva*) e aqueles com relação interna de coordenação (*camelo[e]pardal*, *macha[e]femea(s)* e *roda[e]pê*). Em todos esses casos, o produto compositivo não constitui um hipônimo do núcleo: *balneo maria* não é balneo (banho), *unhagata* não é unha, *gallacrista* não é crista, *sanguechuva* não é chuva, *camelopardal* não é camelo nem é pardal, *machafemeas* não é macha nem é fêmea e *rodapê* não é roda nem pê⁹.

O composto *balneo maria* não é um tipo de banho, mas um método de aquecimento ou cozimento de alimento em que o recipiente que o contém se mantém dentro de outro recipiente com água fervente ou quente. A sua origem é controversa, segundo o dicionário de Houaiss e Villar (2009), mas o constituinte *maria* provavelmente corresponde ao nome próprio feminino, devendo-se à sua detentora, talvez, a invenção do método.

Em *unhagâta* (planta espinhosa, com aspecto semelhante ao da unha de um gato) e *gallacrista* (erva com inflorescências que se assemelham à crista de um galo) atuam processos figurais – metáfora (semelhança) e metonímia (parte pelo todo) – que, ao mesmo tempo em que descrevem o referente, contribuem para a opacidade do significado do composto. O uso da metáfora também se observa em *chuva*, utilizada para expressar a noção "grande abundância", "abundância" (SAID ALI, 1964, p. 221) em *sanguechuva* 'fluxo (abundante) de sangue'. Na denominação *machafêmeas*¹⁰ subjaz a noção de que a (peça) macha se encaixa na (peça) fêmea, possivelmente numa alusão ao ato sexual.

Predominam, nos dados analisados, os compostos com núcleo (semântico e/ou categorial e/ou morfológico) posicionado à direita, os quais se destacam, ainda, por apresentarem também a dimensão semântica. Dos cinco compostos com núcleo à direita, três são semanticamente exocêntricos: *gallacrista*, *sanguechuva* e *rodapê*. Dois compostos apresentam estrutura binuclear: *camelopardal* (já discutido anteriormente) e *machafêmeas*. No caso de *machafêmeas*, tem-se uma denominação para uma espécie de dobradiça, cujas peças – a macha¹¹ e a fêmea – encaixam-se uma na outra. Atente-se para o registro de *machafêmeas*, em Bluteau, na sua forma plural, com a flexão incidindo apenas no constituinte da margem direita. Modernamente, indica-se a pluralização interna e externa, *machas-fêmeas*, padrão flexional comum dos [NN]_N ou [AA]_A coordenados.

No que diz respeito ao tipo de relação sintática entre os constituintes do composto, prevalecem 15 casos de modificação contra 3 de coordenação. Do ponto de vista sintático-semântico, as relações de modificação identificadas indicam: agente responsável (*balneo maria*), local (*beiramar*), finalidade (*mestre-escola*, *mestre-sala*), matéria/substância (*capa-pelle*, *ouropimenta*), intensificação (*fula fula*), semelhança (*gato-teixugo*, *perapaõ*, *varapau*, *gallacrista*, *rodofolle*, *sanguechuva*, *unhagâta*).

Finalmente, a análise da classe semântica a que pertence cada composto permitiu elaborar a seguinte classificação (Quadro 1):

Quadro 1 – Compostos [NN]_N: áreas semânticas*

Área semântica	Composto [NN] _N
fauna / flora	<i>camelopardal</i> , <i>gato-teixugo</i> , <i>gallacrista</i> , <i>unhagâta</i>
mineral	<i>ouropimenta</i>
alimentação	<i>perapaõ</i>
vestuário	<i>capa-pelle</i>
objeto/instrumento	<i>machafêmeas</i> , <i>varapau</i> , <i>rodapê</i> , <i>rodofolle</i>
denominações humanas	<i>mestre-escola</i> , <i>mestre-sala</i>

Área semântica	Composto [NN] _N
locativo	<i>beiramar</i>
processo fisiológico	<i>sanguechuva</i>
método	<i>balneo maria</i>

*Quadro elaborado pelo Autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O padrão [NN]_N está presente em praticamente todas as línguas naturais, incluindo o português, consistindo, na atualidade, em um padrão produtivo nesta língua, segundo Ribeiro e Rio-Torto (2016). Contudo, ao olharmos para o passado da língua, deparamo-nos com escassos registros de compostos [NN]_N. No intuito de contribuir com os estudos sobre a composição e, em especial, sobre esse padrão, empreendemos uma pesquisa sobre os compostos [NN]_N no *Vocabulário português, e latino...* de Rafael Bluteau, obra do século XVIII. As obras lexicográficas são fonte de conhecimento do vocabulário da língua – permitindo observar a relação entre língua e sociedade –, mas também de padrões de formação de palavras ativos em determinadas sincronias. Por essa razão, optamos por escolher um *corpus* dicionarístico para a análise dos compostos [NN]_N.

A recolha recaiu sobre potenciais formas [NN]_N lematizadas. A etapa de descrição e análise evidenciou a dificuldade de atribuir esse estatuto a determinadas formas, que acabaram por ser descartadas. Assim, resultaram 18 compostos, os quais foram classificados de acordo com os seguintes aspectos: a (in)existência de núcleo, a posição do núcleo, a relação sintática intracomposto, a (in)existência de nexos gramaticais entre os constituintes do composto e a classe semântica a que pertence o composto.

A classificação dos compostos quanto ao núcleo resultou numa pequena vantagem das formas com núcleo semântico. Mesmo nesses casos, o significado do composto nem sempre se mostra totalmente transparente, como se observa em *gato-teixugo*. Nos compostos sem núcleo semântico, estão presentes processos topológicos, principalmente a metáfora, como em *gallacrista*.

Tal como nos compostos [NN]_N atuais, estão presentes, nos compostos do *Vocabulário*, relações intracomposto de modificação e de coordenação, com prevalência do primeiro tipo.

A posição canônica do núcleo (semântico e/ou categorial e/ou morfológico) em português é à esquerda, e a maior parte dos compostos recolhidos do *corpus* evidenciam essa característica, como *gato-teixugo*, mas também foram encontrados compostos em que o núcleo é o termo da direita, como *gallacrista*, e mesmo compostos em que os dois elementos constituintes figuram como núcleo, como *machafêmeas*.

Também foi possível observar que há uma relação entre o padrão composicional [NN]_N e o padrão composicional [NprepN]_N. Essa intersecção ocorre porque muitas construções [NN]_N revelam a omissão de determinadas preposições (SANTOS, 2009), como no caso de *capa-pelle, unhagâta, beiramar* e *mestre-escola*.

Em relação às áreas semânticas, os compostos [NN]_N recobrem várias classes, tendo sobressaído as que se referem a espécies botânicas (*gallacrista* e *unhagâta*) e zoológicas (*camelopardal* e *gato-teixugo*), e a objetos/instrumentos (*machafemeas, varapau, rodapê, rodofolle*).

Em resumo, o padrão [NN]_N está representado no *Vocabulario* de Bluteau, fornecendo poucos registros, se considerarmos a extensão da obra, constituída por um abundante *corpus* lexical. As relações sintático-semânticas instanciadas pelos [NN]_N, contudo, coadunam com a descrição desse padrão compositivo no português atual. A questão que permanece é a discussão da sua produtividade, tendo em vista que a quantidade de dados documentados no *Vocabulario* pode não refletir o seu real potencial lexicogênico.

ANEXO

Apresentamos, no Quadro 2 a seguir, os compostos selecionados para análise e as respectivas definições, conforme constam no *Vocabulario* de Bluteau.

Quadro 2 – Compostos [NN]_N em Bluteau*

Composto	Definição em Bluteau (1712-1728)
BALNEO MARIA	Bálneo Maríã, ou com palavras Latinas, usadas de Autores Romancistas, <i>Balneum Mariæ</i> . Termo Chymico. He um caldeirão, ou tacho, cheo de agoa, com hum, ou muitos lambiques, em que se poem alguma cousa a ferver, & destillar, de modo que lhes fique a boca fora, paraque a agoa do caldeirão, ou tacho lhe não entre. [...]
BEIRAMAR	Beiramâr. Perto do mar, junto do mar. Cidades da Beiramar. <i>Oppida maritima,orum</i> . Neut. Plur.

Composto	Definição em Bluteau (1712-1728)
CAMELOPARDAL	Camelopârdal. Animal, assim chamado porque tem cabeça de Camelo, & as pernas salpicadas de branco, & russo, quasi a modo de Leopardo. Chamaõlhe commummente <i>Giraffa</i> . [...]
CAPA-PELLE	No tempo del-Rey D. Affonso Henriquez era o nome de hũa certa vestidura. Oliveira, Grammat. Portug. cap.36.
FULA FULA	Em phrase vulgar, val o mesmo que muyta pressa, & muyto trafego. Na minha opiniaõ derivase do Francez <i>Foule</i> , que quer dizer Apertada, & reboliço de muyta gente.
GALLACRISTA	ou Gallocrista. Erva assim chamada, porque tẽ muytas folhas semelhantes á crista de gallo. <i>Crista, æ. Fem.</i> [...]
GATO-TEIXUGO	Gato montez, ~q tem alguma semelhanca com Teixugo., Sahindolhe algum Raposo, Gato-Tei,xudo, ou Sacarrabo. Galvão, Gineta, 313.
MACHAFEMEAS	São hũas chapas de ferro, que unidas jogão huma com outra, & tem huns buracos para pregos, com que se assentão, & nellas se revolvem portas, janellas, &c. Alguns são de opiniaõ, que he o que Vitruvio no 10. cap. 13. chama <i>Verticuli, orum, Masc plur.</i>
MESTRE-ESCÔLA	Dignidade em Igrejas Cathedraes. <i>Vid. Supra</i> na palavra Mestre. MESTRE. Mestre-Escola. Dignidade em Igrejas Cathedraes, & preeminencia em algũas Universidades. No Cõcilio Lateranense, celebrado no Pontificado de Alexandre III. foi ordenado, que os Bispos terião nas suas Igrejas hum mestre, que ensinasse Philosophia, & Theologia. Forão depois annexas a esta função hũas prebendas, & foi chamado Mestre-escola o Conego, a quem foi dado este officio. Mestre-escola. <i>Canonicus scholasticus, ou Scholæ præfectus.</i>

Composto	Definição em Bluteau (1712-1728)
MESTRE-SALA	<p><i>Vid. Mestre.</i> <i>MESTRE.</i> Mestre-Sala. Este officio houve na casa dos Emperadores Romanos, & parece era o <i>Magister officiorum</i>, como lhe chama o Direito commum, porque servia de dar a ordem das cerimonias, & cortezias, que devião guardar os Embaixadores, ou senhores grandes Estrangeiros. Entre nòs tem quasi a mesma fórma o Mestre-sala; no segundo coche delRey vai buscar os Embaixadores, & os conduz à audiencia. Assiste em pé no meyo da casa das audiencias, quando ElRey a dà. Tem authoridade para reprehender, & castigar os meninos fidalgos, quando o merecem. Nos dias de Paschoas acompanha diante as iguarias, que vão para a mesa Real, & c. [...]</p>
OUROPIMENTA	<p>ou Ouropimente. Mineral amarello, & venenoso, que os naturaes distinguem em tres especies, com tres differentes nomes, a saber, Sandaraca, Rosalgar, & verdadeiro Ouropimente. [...]</p>
PERAPAÕ	<p>Nos Coutos de Alcobaça he huma casta de pera, taõ pouco sumarenta, & de tão grossa carne, que quando se come, mais parece pão, que pera.</p>
RODAPÊ	<p>do leyto. Pedaco de panno, que se põem da parte inferior do leyto, quando as cortinas não chegão até o chão. Tambem ha <i>Rodapê</i> da esteyra. Não temos palavras proprias Latinas.</p>
RODOFOLLE	<p>He hũa rede pequena, ou panno, que se coze num arcozinho, & se coze o panno pela parte, que està aberto, posto em hũa vara comprida, se apanha o peyxe, que anda emcima enjoado da coca. Tambem serve o Rodofolle, para apanhar nelle o pulgão das vinhas, sacudindo a videyra emcima da boca delle; mas elle ha de ser de panno, & ao fundo, ~q he estreyto, vay o pulgão.</p>
SALGEMA	<p>se acha nas minas debayxo da terra, he pedra reluzête como cristal, & deytada no fogo, não salta, mas acende-se como o ferro. [...]</p>
SANGUE CHUVA	<p>Termo vulgar. He o que os Medicos chamão Fluxo de sangue uterino. <i>Sanguineum alvi, ou ventris profluvium, ii. Neut. Vid. Fluxo.</i></p>

Composto	Definição em Bluteau (1712-1728)
UNHAGÂTA	Herva, que nasce nas terras com huns bicos, como de espinheyros. Tem as raizes muy delgadas, que vão fundas abaixo, & sempre rebentão, por muito que as cortem. Os segadores as vão tirando cõ a ponta da fouce, ou segão o pão por cima della, por senão picarem.
VARAPÃO	Pao de dar pancadas, do comprimento de hũa vara, pouco mais, ou menos. <i>Fustis, is. Masc. Cic.</i>

*Quadro elaborado pelo Autor

Notas

Notas

¹Trata-se de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFBA), inserida no projeto " Compostos [NN]N no Vocabulário de Bluteau (1712-1728)", coordenado pela professora doutora Antonia Vieira dos Santos.

² Embora os dados sejam referentes ao português europeu, creditamos essa produtividade também ao português brasileiro, reconhecendo, no entanto, a necessidade de um estudo atualizado sobre esse padrão compositivo.

³ Segundo Verdelho (2007, p. 21), no *Vocabulario* "[o] latim é objecto de uma informação muito sumária e tão pouco significativa, no conjunto da obra, que pode ser considerada essencialmente monolíngue".

⁴ Saliente-se que outros compostos, inclusive com a estrutura [NN]_N, podem ocasionalmente figurar no interior da microestrutura do verbete. No entanto, como a tarefa de recolhê-los em um *corpus* tão amplo seria mais complexa, decidimos por recolher apenas as formas lematizadas.

⁵ O inglês é um exemplo de língua em que o padrão [NN]_N é produtivo, enquanto o romeno, embora em processo recente de expansão desse esquema compositivo, é exemplo de língua em que [NN]_N é pouco produtivo (BLEOTU, 2010).

⁶ "REG'AMARGEM, s.m. (rego à margem), hum ou dois regos que se dão na extremidade do terreno depois de lavrado, para dar sahida á água da chuva" (CONSTÂNCIO, 1836); "REG'AMARGEM, s.m. he hum, ou dois regos que se dão em baixo no fim da terra depois de regada, que a tomem toda, e recebem a agua dos regos que ella tem para por elles vasar a agua da chuva" (SILVA, 1789); "He hum, ou dois regos que se dão em baixo no fim da terra depois de regada, que a tomem toda, e recebem a agua dos regos que ella tem para por elles vasar a agua da chuva; rego d'agua" (SILVA, 1813 [1922]).

⁷ Houaiss e Villar (2009, s.u. ouro-pigmento) não apresentam entradas próprias para essas palavras, mas na definição de *ouro-pigmento* ('sulfeto de arsênio monoclinico, us. em farmácia e para extração de arsênio; ouro-pimenta, orpimenta') fazem referência a *ouro-pimenta* e *orpimenta*.

⁸ Crista-de-galo: 'erva (*Celosiacristata*), nativa de regiões tropicais das Américas, de folhas lanceoladas, verdes ou avermelhadas, e inflorescências terminais densas, achatadas, que se

assemelham à crista do galo, com flores aveludadas, vermelhas, róseas, amareladas ou esbranquiçadas, muito cultivada como ornamental; beijo-de-palmas, bredo-de-namorado, flor-dos-amores, galacrista, galicrista, martinete, veludinho, veludo' (HOUAISS; VILLAR, 2009, s.u. crista-de-galo).

⁹ Os compostos *camelopardal* e *rodapê* foram descritos em seção anterior.

¹⁰ A palavra já ocorre na *Crónica de D. Fernando*, de Fernão Lopes, escrita "nos finais da quarta década do século XV ou no início da seguinte, em qualquer caso antes de 1443" (AMADO, 1993, p. 179).

¹¹ No dicionário de Houaiss e Villar (2009, s.u. macha), o vocábulo corresponde a 'peça de dobradiça encaixável na outra, a fêmea; macho'.

Referências

AMADO, Teresa. *Crónica de D. Fernando*. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (orgs.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1993. p. 179-180.

AULETE, Caldas. Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Disponível em <http://www.aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 20 junho 2020.

BLEOTU, Adina Camelia. *The Productivity of NN Compounds in English and Romanian*. MA Paper, 2010. Disponível em <https://ling.auf.net/lingbuzz/003144>. Acesso em: 19 junho 2020.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendro- logico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 10 v.

CAMELOPÁRDAL. In: Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa (*on-line*). Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/camelopárdal>. Acesso em: 19 junho 2020.

COUTO, Antonio Maria do. *Diccionario da maior parte dos termos homónimos, e equívocos da língua portugueza: augmentado com huma grande cópia de vocábulos técnicos, e sua etymologia; e enriquecido com muitos adágios da língua, e trêchos de história, crítica, e antiguidades*. Lisboa: Typographia de Antonio Joze da Rocha, 1842.

CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Novo dictionario critico e etymologico da lingua portugueza*. Paris: na Officina Typographica de Casimir, 1836.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José A. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. 6 v., Madrid: Gredos, 1980-1991.

FARIA, André Luiz. *Motivação morfossemântica das construções compostas N-N no português brasileiro*. 2001. 189 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, DNE/CNME, 1962.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 (edição eletrônica).

OURO-PIGMENTO. In: Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa (*on-line*). Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ouro-pigmento>. Acesso em: 18 junho 2020.

RIBEIRO, Sílvia; RIO-TORTO, Graça. Composição. In: RIO-TORTO, Graça (org.) *et al. Gramática derivacional do português*. 2^a ed., Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 461-520.

RODOPELO. In: Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa (*on-line*). Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/rodopelo>. Acesso em: 19 junho 2020.

SAID ALI, Manuel. *Gramática secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SANTOS, Antonia Vieira dos. Breve descrição da composição sintagmática nominal no português arcaico. In: Klebson Oliveira; Hirão F. Cunha e Souza; Juliana Soledade. (Org.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 21-42.

SANTOS, Antonia Vieira dos. Compostos [VN]N no Vocabulário português, e latino de Bluteau (séc. XVIII). *Revista todas as letras*, v. 22, p. 1-17, 2020.

SILVA, Antonio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. 2 tomos, Lisboa: na Of. de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

SILVA, Antonio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado*. 2 tomos, Lisboa: Typografia Lacerdina, 1813. Fac-símile da segunda edição (1813). Edição comemorativa do primeiro centenário da Independência do Brasil, photographada pela "Revista de Língua Portuguesa" sob a direção de Laudelino Freire, Rio de Janeiro: Oficinas da S. A. Litho-Typographia Fluminense, 1922.

SILVESTRE, João Paulo. *Bluteau e as origens da lexicografia moderna*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.

VERDELHO, Telmo. O patrimônio lexicográfico. In: VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João Paulo (orgs.). *Dicionarística portuguesa: inventariação e estudo do patrimônio lexicográfico*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007. p. 11-62.

VIEIRA, Fr. Domingos. *Grande dicionário português ou Thesouro da língua portuguesa*. 4^o volume, Porto: Editores, Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1873. Disponível em <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/28254>. Acesso em: 29 junho 2020.

Para citar este artigo

TRIEBIG, Victória; SANTOS, Antonia Vieira dos. Compostos [NN]N no Vocabulário Português, e Latino... de Bluteau (séc. XVIII). *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 1054-1072, set.-dez. 2020.

1072

As autoras

Victória Triebig é graduanda em Letras Vernáculas (Instituto de Letras/UFBA).

Antonia Vieira dos Santos é professora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Possui Doutorado em Letras (2009) pela Universidade Federal da Bahia, Bahia – Brasil, e Mestrado em Linguística Portuguesa (2003) pela Universidade de Coimbra, Coimbra – Portugal. Áreas de interesse: Morfologia, Léxico e História da Língua.